

Ser imaginada por uma
criança que brinca
descalça na rua.

Luiza Poeiras





Aprendo com a cidade todos os dias. Andando pelas ruas, encontrando pessoas, errando caminhos, atravessando sinais fechados propositalmente. Pela caminhada cambiante, incerta, que se constrói no próprio caminhar. Aprendo com as vozes, os passos e os ritmos múltiplos, os barulhos, os acasos. Aprendo com o andar das pessoas, mesmo quando elas nem estão pensando em ensinar.

Proponho aqui escrever o passo que essa caminhada alcança. Busco essa caminhada principalmente pelo desejo de compreender as contradições da experiência do espaço urbano. Ao pisar nesse asfalto recebemos múltiplas imagens que conformam essa complexidade que é a cidade.

Neste processo duas imagens foram muito fortes para mim. A primeira são os bancos, assentos e jardins nas portas das casas do bairro onde nasci. Meu avô conta sobre quando chegou lá: a rua de terra com apenas duas casas, o resto era tudo mato. Mesmo hoje, depois de o bairro ser cercado por três grandes avenidas, nela permanecem os resquícios do convívio, da troca e da invenção dos moradores.





A outra imagem é a existência, em grande parte das marquises do centro, de espetos e outros mecanismos que impedem a presença do corpo ou que fazem com que ele se comporte de determinadas formas nesses lugares.



Há uma contraposição nítida nas formas de produção e relação com o espaço existentes nessas imagens. O centro de Belo Horizonte foi construído através de um modelo importado de cidade, em que as plantas das cidades de Washington e Paris foram usadas como inspiração. No Centro, principalmente, as ruas, monumentos e a organização das regiões expressam uma lógica de produção do espaço herdada das civilizações europeias e aqui instalada através da influência hegemônica do capital mundial

Nas regiões afastadas do centro, essa lógica de produção do espaço continua exercendo seu efeito mas, apesar disso, ainda existem práticas e formas de relação com o espaço que permitem e reforçam a presença de corpos inventivos e disruptivos. Damos a esses espaços outros signos, relações e sentidos, compondo uma invenção e organização que se aproximam mais do ritmo orgânico das vidas cotidianas. Acredito nesse tempo e forma de pensar o espaço que provém das frestas e das resistências, como uma maneira de reencontrar identidades e como prática que insiste em cultivar mesmo no contexto urbano, os vínculos da vida com o território e a comunidade.

um muro
chapiscado
enquanto anda,
um homem desenha
uma linha com
uma pedra branca
na mão e uma
expressão fechada

Sobre o imaginário que constrói a cidade

A história da construção de Belo Horizonte se inicia em um projeto de apagamento. O antigo Curral Del Rey possuía aproximadamente 15 mil habitantes e desses, ao menos 10 mil seriam pessoas negras. Com a formação da comissão construtora que elaboraria o projeto da nova capital foi tomada a decisão de demolir completamente todo o curral. Casas, igrejas e edificações existentes no território foram destruídos e o cemitério do Largo do Rosário, do antigo arraial, onde estariam enterrados os antepassados da população negra da região, foi sobreposto pela construção da cidade e não existe documento que afirme o traslado dos corpos enterrados para outro cemitério.¹

Belo Horizonte é então construída entre os anos 1895 e 1897 com seu modelo de cidade moderna² e ideais republicanos. Apesar do discurso sobre seu planejamento evocar posicionamentos que superariam o modelo colonial de cidade regida sobre ideais escravocratas, essa realidade não se concretizou. Em sua própria estrutura, ela continua a perpetuar uma organização espacial pautada pela divisão racial e de classes, delimitando de forma nítida as hierarquias sociais pretendidas à cidade, onde comunidades negras que fizeram parte efetiva de sua construção ficaram à margem do planejamento.

Podemos observar que a formação de nossa cidade, assim como de muitas capitais do Brasil, aconteceu de forma a reprimir outras maneiras de produzir e organizar o espaço. É isso que se pode observar dentro do planejamento, feito pela comissão de construção chefiada por Aarão Reis:

“Os processos envolvidos na produção da cidade planejada por Aarão Reis e pela comissão construtora ilustram o papel do poder público, associado às elites, como agente controlador da distribuição e do uso da terra na cidade por meio da propriedade privada, o que significou impedir a permanência dos indesejados para corresponder às diretrizes da modernidade europeia”. (Silva, Lisandra Mara. 2018. P.106)

Pode-se assim relacionar com o que Quijano explicita ser uma das formas que a Europa utiliza para centralizar seu poder: através da repressão “das formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produções de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de

expressão e de objetivação da subjetividade”. (Quijano, Aníbal. 2005. p.121).

Belo Horizonte, ainda que em contexto pós-colonial, reproduz a mentalidade colonialista. Podemos ver essa produção de um mundo com centralidades e periferias também regionalmente nas lógicas dessas cidades, onde no centro se concentra o capital, e nas periferias se produz a escassez e a invisibilidade.

É desse imaginário branco, civilizatório e racista que se ergue nossa cidade, suas ruas e monumentos. Sem o exercício de um pensamento crítico sobre o espaço, é também através deste imaginário que se continua reproduzindo e disseminando modelos desenvolvimentistas e neoliberais.

Assistimos a essa continuidade de modelos civilizatórios com espaços violentos de diversas formas: tanto diretamente, através das segregações, da falta de infra-estruturas básicas em regiões periféricas, da especulação imobiliária, da falta de moradias e da violência policial, como também indiretamente, com a exaltação de símbolos, monumentos e formas de organizar que universalizam um só modo de reprodução de vida em contrapartida ao apagamento de outros.

Ailton Krenak³ fala sobre o conceito de “florestania” como um modo de contrapor a ideia de cidadania: “(...)É como se estivesse questionando a hegemonia das cidades sobre os modos de assentamentos, de comunidade, e tem que ter mesmo essa resistência da florestania questionando a cidadania urbana, porque a tendência dessa cidadania urbana é devorar tudo o que tem em seu entorno e negar a potência de outras formas de ser cidadão.”

É necessário questionar a forma hegemônica de nos formar enquanto cidadãos que enxergam uma só humanidade: capitalista, extrativista e violenta. Generalizam-se as ações humanas propagadas e produzidas por essa sociedade como parte da natureza humana e, enquanto isso, não percebemos outras possibilidades de construir comunidades que priorizam a vida em suas múltiplas formas e movimentos. Muitas vezes essa cegueira se dá por meio da consideração desses outros modos de vida como ultrapassados, ou a serem superados pelo modo de vida da cidade, o modo capitalista, de reprodução da vida através do consumo e da transformação de tudo à nossa volta, incluídos os espaços, em mercadoria.

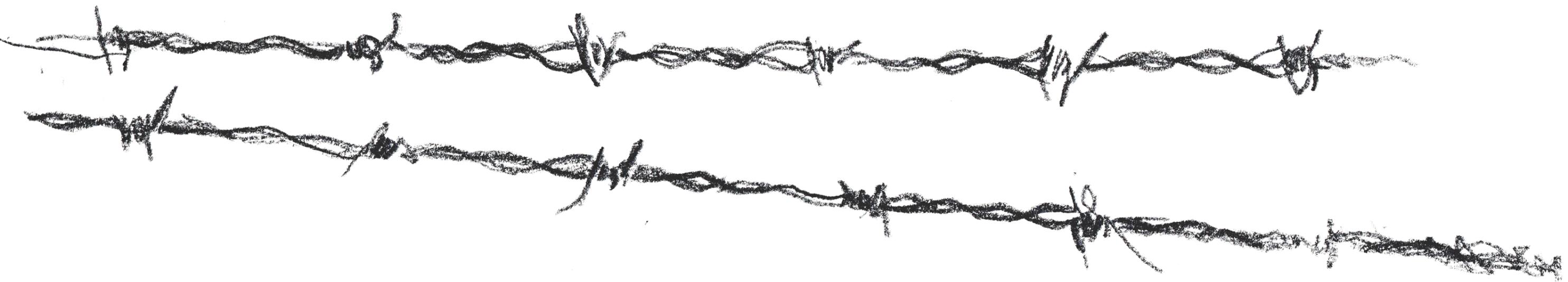
¹ Tal assunto é abordado nas aulas do curso Afro-patrimônio e a construção de uma cidade segregada produzido por Mauro Silva, passando pelos episódios de apagamentos do afro-patrimônio e a construção de resistências. Uma das importantes iniciativas de preservação desse patrimônio foi a criação do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) do qual Mauro Silva é curador.

² O conceito de modernidade dá conta, do mesmo modo, das alterações na dimensão material das relações sociais. Quer dizer, as mudanças ocorrem em todos os âmbitos da existência social dos povos, e portanto de seus membros individuais, tanto na dimensão material como na dimensão subjetiva dessas relações. E como se trata de processos que se iniciam com a constituição da América, de um novo padrão de poder mundial e da integração dos povos de todo o mundo nesse processo, de todo um complexo sistema-mundo, é também imprescindível admitir que se trata de um período histórico inteiro. Em outras palavras, a partir da América um novo espaço/tempo se constitui, material e subjetivamente: essa é a mentira do conceito de modernidade.(...) Isso ajuda a explicar por que o centro de elaboração intelectual desse processo se localizará também ali, e por que essa versão foi a que ganhou a hegemonia mundial. Ajuda igualmente a explicar por que a colonialidade do poder desempenhará um papel de primeira ordem nessa elaboração eurocêntrica da modernidade(...) Nesse sentido, a modernidade foi também colonial desde seu ponto de partida. g.n. (Quijano, Anibal. 2005. p.124-125)

³ Ailton Krenak é uma importante liderança indígena no Brasil, para saber mais sobre suas trajetórias e lutas acessar: <<https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/?id=23>>

“(...) a forma relacional de ser, conhecer e fazer, definida como aquelas configurações socio-naturais onde nada pre-existe as relações que a constituem, mas que tudo se constitui profundamente em relação com tudo - é o grande correlato da autonomia e da comunalidade. Assim se pode ver em muitas cosmovisões dos povos como os da filosofia afriacana do Muntu ou as concepções da Mãe Terra como a Pachamama, Ñuke Mapu ou Uma Kiwe, entre muitas outras. Também está implícita no conceito de crise civilizatória, sempre e quando se assume que a crise atual é causada por um modelo particular de mundo (uma ontologia), a civilização moderna capitalista da separação e desconexão, onde humanos e não humanos, mente e corpo, indivíduo e comunidade, razão e emoção, etc. se veem como entidades separadas e autoconstituídas.”
(Escobar, Arturo. Desde abajo, por la izquierda y con la tierra, 2015)

entrando na av. Pedro II
a cerca de arame
ele mira algo dentro do mato
uma perna mais levantada que a
outra
uma blusa cinza
mochila pesada
me pergunto se não machucaria ao
pegar na cerca.
mas ele encaixa com cuidado
a mão
entre os nós que
e s p e t a m .



Sobre tempos e poder

A cidade é o espaço do encontro, das práticas do viver, da circulação, da cultura, da produção, do trabalho. A partir da consciência de que ela, em sua estrutura e organização, é intencionalmente construída de forma a mostrar às pessoas a que lugares elas são pertencentes ou não e onde se dá a circulação, é interessante compreendermos de onde surgem essas ordens externas que sobredeterminam nossas paisagens da cidade.

Voltamos à imagem dos espetos em marquises pelo centro. Esse exemplo nos mostra de forma simplificada o modo como os elementos possuem essa intencionalidade de que fala Milton Santos⁴ (2006, pg. 23). Tal intencionalidade está presente em quase todos os traços do nosso espaço urbano hoje: as vias expressas, o alargamento de avenidas, a organização das regiões, bairros, as políticas econômicas de distribuição orçamentária, os monumentos que reverenciam figuras historicamente racistas. Tudo isso nos impõe um mundo, uma forma de agir e permanecer no espaço, molda nossas ações sobre ele e, assim, também nos molda.

O capitalismo global produz uma fragmentação cada vez maior dos processos de trabalho. Ele exige uma imensa cooperação na produção - essa, no entanto, não é feita de forma horizontal mas, sim, verticalmente: o trabalho é controlado por regras externas, "forças distantes". Essa fragmentação ocorre também no espaço e assim se faz necessária uma circulação cada vez maior e mais rápida. Uma das consequências que isso tem sobre nosso cotidiano na cidade é o controle externo do nosso tempo, a forma como nos habituamos a uma vida sempre em movimento na qual cada minuto é controlado para extrair dele o máximo de produtividade.

É importante ressaltar que é sobre a população negra e periférica que recai esse maior controle, com intensas horas de trabalho, salários precarizados e dificuldade de locomoção pela cidade, gerado pela negligência do Estado em garantir acesso à mobilidade urbana.

Assim, temos um espaço de constante circulação produzido por essa obediência ao tempo⁵, que impõe a todos um imaginário cada vez mais obediente. É nesse mesmo processo que nos fazemos esquecer outras formas de lidar com o tempo que provém da terra e das localidades⁶.

A energia que se gasta na movimentação e circulação diária controlada promove uma desconexão constante com o lugar que moramos. Para além das paredes de nossa casa, tem-se pouco tempo para entender a vizinhança, fazer parte dela, conhecer as pessoas que constroem o corpo dessas ruas: assim se conformam vidas individualizadas.

Não se anda à pé, assim perde-se tempo, contudo dessa forma também não se vê o pontinho verde no canto de uma via expressa. Uma rachadura do asfalto na qual cresce uma erva daninha. Existe uma energia dessa planta que se materializa em raiz: ela se alastra e aprofunda nessa mesma terra.

Talvez seja nessa forma de lidar com o tempo que alguém construiu um banco na porta de casa, disruptivamente. Talvez seja, também, nesses tempos locais, que encontram frestas para acontecer, que se articulam as coletividades em nossas ruas, bairros, regiões.

É nessa rua, espaço político, nesse tempo fincado que se pode enxergar os processos de resistência às ordens vindas de fora. A rua é o lugar da disputa, dos embates e é desde o início dos conflitos sobre Curral Del Rey que os processos de resistência começam a se conformar na cidade. Essas resistências estão nas manifestações dos Congados, nas formas do viver em Quilombos e Aldeias urbanas presentes na cidade, nas diversas Ocupações Urbanas, nos projetos culturais independentes que surgem das periferias, entre tantas outras referências.

É nesse cenário de contradição entre reverência à figuras racistas e elitistas e a resistência de povos, que coexistem em diversos tempos, em que se criam outras propostas de cidade. Não faltam exemplos dessas ações. Algumas delas, curiosamente acontecem na região central de Belo Horizonte. Na Rua Aarão Reis, nomeada em homenagem ao supracitado chefe da comissão de construção da cidade hegemônica, acontecem as mais diversas manifestações culturais abertas e públicas, como deve ser a rua: Duelos de Mc's realizados pelo coletivo Família de Rua, as Batalhas de Poesia Slam, os ensaios abertos do grupo de maracatu Tira o Queijo, a roda do Samba da Meia Noite, as aulas e apresentações do Quarteirão do Soul, dentre tantos outros eventos e acontecimentos de resistência cultural oriundos das periferias.

⁴ "Em nenhuma outra fase da história do mundo, os objetos foram criados, como hoje, para exercer uma precisa função predeterminada, um objetivo claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento de sua eficácia. Da mesma forma, cada objeto é também localizado de forma adequada a que produza os resultados que dele se esperam" (SANTOS, Milton. 2006, pg.143)

⁵ "Cada nova técnica não apenas conduz a uma nova percepção do tempo. Ela também obriga a um novo uso do tempo, a uma obediência cada vez mais estrita ao relógio, a um rigor de comportamento adaptado ao novo ritmo."(SANTOS, Milton. 2006, pg.121)

⁶ Um exercício a se fazer para pensar qual seria esse tempo é refletir sobre quais ordens estabelecem a organização do nosso tempo no dia-a-dia, nossa rotina. Como organizamos os cuidados que temos com nós mesmos e com o outro dentro do tempo que nos cabe, quais são os marcadores que nos permitem organizar esse tempo. Organizamos esse tempo a partir de nós, dos movimentos à nossa volta, do cultivo de nossos alimentos ou esse tempo é organizado a partir de movimentos externos (objetiva ou subjetivamente)? Tais reflexões foram evidenciados para mim dentro da disciplina "Perspectivas contra coloniais nas poéticas da natureza" conduzida pelo professor/ doutor Wagner Leite Viana.





Sobre o resgate de outros imaginários

No ano de 2020, a realidade do isolamento social que tinha o objetivo de diminuir a contaminação pelo coronavírus interrompe os movimentos iniciais deste trabalho. Tal processo se daria necessariamente pela continuidade de caminhadas em diversas regiões da cidade, pelo olhar atencioso e crítico sobre as inventividades do espaço e as contradições das organizações hegemônicas da cidade, como também por processos de investigações artísticas.

Em períodos de crise, a realidade desigual e racista do sistema capitalista se intensifica, ficando mais visíveis as contradições dentro do espaço urbano. Não estando na rua e na troca, me pergunto outras formas de continuar caminhando nesse processo de olhar para o espaço. O isolamento social força uma parada dentro de nossas casas⁷, a ocupamos mais do que nunca, assim como adentramos para dentro de nós mesmos com as reflexões sobre tudo o que temos vivido enquanto indivíduos e, principalmente, enquanto seres coletivos. Entrar nesse processo me fez deparar com várias vozes e me pergunto se é possível a escrita seguir o passo dessa caminhada que agora se faz escuta.

Estar em casa nos impede de viver as trocas e os acasos que a rua nos dá, mas permite a construção de um espaço de reflexão sobre um terreno interno. É muito importante o reconhecimento do olhar para dentro de si como um passo na construção de um possível processo de implosão.

Ailton Krenak, no seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, publicado em 2019, fala dessa “implosão” como forma de enfrentar as diversas quedas que o mundo tem sofrido. Implodir vem de dentro. Vem de romper com esse imaginário que construímos de nós mesmos e não ter medo de reinventar e imaginar outros mundos. Para além de “reordenar as relações e os espaços”, reinventar a nossa forma de nos enxergar e sentir enquanto vida, enquanto ser integrado a todos os movimentos de vida na terra.

Reconhecer ou lembrar essa terra⁸ dentro de nós talvez nos permita crescer como plantas que racham o asfalto. A mesma terra que está abaixo de todo espaço impermeável que criamos existe também dentro de nós. Tirar a casca física dos espaços que produzimos e frequentamos implica também tirar essa casca internamente. É como olhar para um espelho. Ao andar pela rua e perceber as estátuas que homenageiam agentes históricos racistas, genocidas, etnocidas, é necessário derrubá-las: fora e dentro da gente.

⁷ Me insiro aqui como alguém que pode permanecer em casa. O governo racista e genocida de Bolsonaro, que nesse momento de crise deveria garantir para todos o isolamento social como medida de segurança, reforça e intensifica o retrato desigual do Capitalismo. Para a maioria dos brasileiros ficar em casa não é uma possibilidade. Outro sintoma dessa mesma desigualdade é o lugar que ocupo enquanto pessoa que vem de um lugar de estímulo à essa reflexão sobre a realidade. Nesse texto, exercito um olhar sensível sobre a cidade, sobre minha passagem pelos territórios e do caminhar enquanto pensamento. Como já discutido anteriormente, a realidade cultivada pela urbanidade é a do controle e da obediência, para que não haja nem tempo nem espaço para possíveis reflexões.

⁸ Algo que pode ajudar a conceber o que pode ser essa reconexão com a terra é a breve descrição de Arturo Escobar sobre o Pensamento da Terra, presente em seu texto Desde abajo, por la izquierda, y con la tierra: “Com o pensamento da terra, não nos referimos tanto ao movimento ambientalista e à ecologia, mas sim aquela dimensão que toda comunidade que habita um território, sabe que é vital para a sua existência: sua conexão indissolúvel com a Terra e com todos os seres vivos. Mais que conhecimentos teóricos, esta dimensão se encontra eloquentemente expressa na arte (tecidos), nos mitos, nas práticas econômicas e culturais do lugar e nas lutas territoriais e pela defesa da Pachamama.” (ESCOBAR, Arturo. 2017. p. 59)

dentro da casa que é minha vó,
tem uma mata
dentro da vó tem uma casa que é
mata
dentro da vó tem uma mata
a minha avó é uma casa
dentro da vó tem uma mata e na
mata tem uma casa.

minha vó cuida da mata e da casa
dentro dela
dentro da mata havia a casa da
minha vó
dentro da minha vó ainda tem a
mata.
dentro de mim tem minha vó.

O que hoje chamamos de território brasileiro, antes era uma grande extensão de terra livre. Natureza múltipla e imensa, com seus processos e ciclos, mãe de Ianomâmis, Guaranis, Guajajaras, Pankararus, Kaingangs, dentre muitos outros povos. Para a maioria deles não havia, e não há, a distinção entre suas próprias culturas e os movimentos naturais do meio que vivem. Quando falamos sobre a invasão dos portugueses há 500 anos, é preciso falar também sobre uma invasão de imaginários:

Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura
(Quijano, Anibal. 2005. p.121)

É a partir desse evento que se impõe aqui, a imagem de natureza como um recurso a ser explorado e, mais tarde, das terras como propriedades privadas. Não saquearam apenas as terras, mas também os imaginários potentes e múltiplos sobre ela. Nos impuseram apenas um: terra mercadoria.

Podemos dizer que, ao implantarem o imaginário moderno-colonial⁹ no passado, foram roubadas de nós, hoje, essa memória-terra e as conexões ancestrais e coletivas com ela.

Além de evidenciar as histórias de violência e ressignificá-las é necessário buscar o que tentaram e tentam nos fazer esquecer. O esquecimento imposto produz a conformidade com o espaço dado. No cruzamento entre a memória viva - de práticas de vida, relações e integrações não hegemônicas - e as frestas encontradas pelo espaço, podem surgir as invenções, o corpo disruptivo e o reencontro com outras formas de conexão com a terra e a comunidade.

⁹(Quijano, Anibal. 2005. p.124-125)



"Território é o espaço vital que assegura a sobrevivência como povo, como cultura em convivência com a natureza e os espíritos. O território é nosso verdadeiro livro histórico que mantém viva a tradição de quem habitamos nele. Representa e descreve os princípios e práticas de nossa cultura. Implica a posse, controle e domínio do espaço físico e espiritual. Como espaço coletivo de existência, possibilita a convivência harmônica entre os povos. Fundamenta a cosmovisão indígena como razão de nossa sobrevivência."

(Consejo Regional Indígena del Cauca en Quijano, 2012: 209)





senti um abraço.
fiquei olhando meu
tio de longe, andando
pelo mato
sem ter onde ir.
só andando, mexendo
na terra
pegava uma pedra,
olhava, voltava com
ela pro chão
continuava andando,
sem destino marcado
só caminhando pelo
querer caminhar
numa conversa
silenciosa com tudo

que o rodeava
me senti abraçada e
senti poder abraçar
tudo que vem desse
emaranhado que nos
conecta

Existe potência no banco que se constrói na rua, no jardim cultivado do lado de fora do muro, na pipa que voa e na mão que aprende a conversa do vento. No caminhar distraído, na vida que é vivida pelo movimento, pela escuta, pelo cultivo e pelas relações que tece no seu percurso. O exercício dessa conexão local, que se faz todos os dias, nas lutas diárias, é o que faz permanecer ativos os laços coletivos de se fazer mundo, de praticar a vida.

A partir das periferias e das frestas onde ainda se encontram as raízes fincadas que nos seguram na terra, consigo imaginar uma cidade que seja para todes. Entendo como um processo urgente de sensibilização escutar e aprender com as cidades das brincadeiras de rua, da juventude periférica, das aldeias urbanas, dos quilombos, das favelas, vilas, pedreiras, barreiros. Observar a criança que brinca na rua descalça, saber que a sola de seu pé está muito mais próximo dessa terra, ainda que sobre o asfalto, do que das cabeças erguidas por arranhas céus. As cidades que se reinventam e lutam para resistir à escassez produzida pela cidade que é imposta - moldada pelo capital e não por quem a habita.

É necessário, para isso, que reconfiguremos os imaginários que possuímos da cidade. Podemos conceber o pensamento imaginativo presente na prática artística, como uma dessas ferramentas libertadoras que através de exercícios de sensibilização permitem o alimento e a construção desses novos imaginários, formas de pensar e um reencantamento com o mundo. Através do deslocamento do comum, da desestabilização das ideias hegemônicas, nos permitimos a criação de outras formas de perceber e ocupar lugares dentro da ordem vigente.

Assim talvez possamos encontrar as fendas que nos levam a um caminho de volta para uma invenção e criação do espaço que surja da escuta do que somos, do encontro cotidiano das ruas e das conexões locais.

na rua de qualquer bairro não central de Belo Horizonte, dois pares de chinelo (com uma distância entre eles) podem formar o gol do campo onde crianças jogam bola descalças.

Referências Bibliográficas:

ESCOBAR, Arturo. **Desde abajo, por la izquierda, y con la tierra. La diferencia de Abya Yala/Afro/Latino/América.** Quito: Ediciones Abya-Yala. 2017.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina** - Buenos Aires CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SANTOS, Milton - 1926-2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Lisandra Mara. Propriedades, negritude e moradia na produção da segregação racial da cidade [manuscrito] : cenário Belo Horizonte / Lisandra Mara Silva. 2018.

SILVA, Mauro Luiz da. **Afro-patrimônio e a construção de uma cidade segregada.** 2020. (25m11s).<https://www.youtube.com/watch?v=Nbm4RCAL_FQ&t=1s>

As fotografias e ilustrações presentes nesse artigo são de minha autoria.

Pesquisa realizada no Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária ICV/UFMG com orientação da professora/doutora **Brigida Moura Campbell.**

